

Aproximações entre ilustrações e a fotografia de moda no início do século 20: uma breve análise da revista Estação (1879-1904)¹

Autora: Pamela Pregun Correia (Com. Social-Jornalismo)

Orientador: Prof. Dr. Fabio Ciquini

RESUMO

A fotografia foi criada em 1835, mas antes que isso fosse realidade, as pessoas apresentavam imagens em suas revistas com o uso de ilustrações, desenhos realistas que tinham a mesma função de uma foto. Mesmo quando essa recente criação já era utilizada em alguns lugares, demorou-se para que as ilustrações fossem totalmente substituídas depois de tantos séculos de uso. E é isso que essa pesquisa busca discutir. A importância das ilustrações em revistas, especificamente em revistas de moda, de meados do século XIX quando o advento da fotografia ainda era uma grande novidade para a sociedade. A ideia central do artigo é procurar historicizar criticamente a estética das ilustrações detalhadas que evocam o que conhecemos atualmente como um editorial fotográfico, contextualizando com a época e assuntos contidos nas revistas. Para isso, procede-se a uma análise visual de ilustrações publicadas na revista Estação- jornal ilustrado para a família (1879-1904).

Palavras chaves: Fotografia de moda, ilustração, moda, revistas, revista de moda.

INTRODUÇÃO

Foi com Joseph Nicéphore Niépce em 1826 que a primeira noção de fotografia passou a existir. Mesmo que ainda não levasse tal nome no momento de sua criação – ele a batizou como heliografia –, o ato de tirar uma foto de algo ou alguém começou a engatinhar a partir desse momento. Com o passar dos anos, Louis Jacques Mandé Daguerre aproveita os estudos de Niépce e aprimora a captura da luz em uma superfície sensível e, em 1835, fez uma versão melhorada do que tínhamos até então conhecido

¹ Artigo fruto de participação no programa de iniciação científica da Fapcom

como fotografia. Com isso, o então conhecido daguerreótipo foi concebido, algo que, na época, era o que havia de mais moderno e prático para produzir tecnicamente imagens.

Ambos não foram os únicos precursores da fotografia e de sua máquina, no entanto. Ainda em 1835, o inglês William Henry Fox Talbot fez uso da mesma técnica de Niépce, porém utilizando folhas de papel cobertas de cloreto de prata. Com isso, Talbot inventou o desenho fotogênico, que acabou conhecido pelo nome de calotipia. Esse então passa a ser o que mais se aproxima da fotografia pela qual conhecemos hoje, por produzir várias cópias e negativos².

Desde o início do seu desenvolvimento, a fotografia é marcada pela encenação. Mas, até então, o que existia quanto ao que se trata de fotografia se referia apenas ao ato de registrar momentos e rostos e isso era colocado como uma imagem de cópia da realidade. É quase como uma peça teatral, pensada em todos os mínimos detalhes para fazer mais sentido. Quando Hippolyte Bayard, um pioneiro da fotografia, criou o que viria a ser uma das primeiras (se não a primeira) fotomontagem, uma porta abriu-se para a fotografia encenada. Simulando a sua própria morte em uma fotografia, Bayard utilizou de processos pitorescos para a nossa época, mas que funcionaram para o seu propósito.

Depois da experiência pioneira de Bayard com a encenação, outros fotógrafos começaram a “beber da mesma fonte”. Porém, talvez ainda mais cedo, Daguerre, por sua vez, fez pequenas contribuições para essa inovação na fotografia. Em uma imagem de uma rua agitada na Paris do século XIX, o fotógrafo precisou simular duas pessoas paradas - um engraxate e seu cliente- em uma esquina. O tempo de espera para uma foto ser feita era longa, durando cerca de sete minutos, o que acabava não registrando os transeuntes passando. Para Fontcuberta (2010, p.109 apud Filho, 2019, s.p) “Ambos

² Papel que escurece quando recebe luz, onde as partes mais brilhantes do mundo real são negras no papel, imagem ao contrário. (<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-38891880>)

aguardam em posição estática o tempo necessário para fixar “aquele contraponto humano no vazio metafísico daquela cidade espectral”.

Durante o século XIX, quando a fotografia ainda era incipiente, os processos de encenação na fotografia já eram comuns. Como o tempo de exposição do obturador era longo, produziam-se imagens de "fantasmas", que era o efeito de pessoas se movendo de um lado para o outro. As imagens pós morte também podem ser vistas como uma encenação na fotografia, afinal, são pessoas já mortas que “posam” para uma imagem como se estivessem vivas.

A historiografia tem em seus registros de ritos realizados em relação a morte e ao luto feitos desde os primórdios da humanidade. A fotografia post mortem é apenas mais um desses rituais, tal como uma homenagem dos parentes a pessoa que lhes foi tão especial em vida. Evoluindo do memento mori, uma tradição datada antes da criação da fotografia que consistia em guardar pedaços do falecido (como mechas de cabelo, por exemplo), a foto post mortem é apenas mais uma lembrança. Na visão de Miguel Augusto Pinto Soares (2007, p.19) “ Todas essas imagens, que têm a função de representar o morto, evocam uma presença material e visual que ocupa o espaço deixado pelo defunto”. A pintura foi uma maneira extremamente comum, sendo uma das primeiras formas de registrar os mortos em uma última imagem com sua família, não sendo apenas um objeto material.

Antes do advento da fotografia, o registro por meio da pintura era a forma mais utilizada para imortalizar a figura individual. Todavia, era muito custosa, o que excluía a possibilidade da maior parte da população de possuir um registro seu ou de um familiar, sendo a pintura algo reservado àqueles com grande acúmulo de riquezas e poder. (AMANDA BASILIO SANTOS, 2018, p.2)

A taxa de mortalidade, principalmente infantil, no século XIX era extremamente alta. Por causa disso, era comum que muitas crianças morressem cedo demais, antes dos cinco anos às vezes, sem antes terem tirado pelo menos uma fotografia em vida com

seus pais e irmãos. Wickens-Feldman (2008, p.431) diz que “em alguns casos, os corpos já enterrados foram exumados porque nenhuma foto post mortem havia sido tirada”.

Fotografia de moda

Já atrelada desde o início à encenação, a fotografia começa a ganhar outros campos e, por meio de revistas, a moda passa a ser um dos seus alvos. A partir disso se iniciou um breve conceito de fotografia de moda, que, na época, não levava tal nome e sequer se imaginava que poderia ser chamado assim. Uma das precursoras das imagens de moda é Virginia Oldoini que ficou conhecida como condessa de Castiglione. Nascida de uma família nobre em Florença, em 1837, Olivia “montou” álbuns fotográficos com fotos suas que tinham apenas o intuito de serem entregues a um círculo restrito de amigos e admiradores. Tais retratos são considerados o prólogo da fotografia de moda por, principalmente, carregarem dois aspectos atuais: uma ambiguidade especial, que oscila entre obra e comportamento e a figura da condessa em si. Para Marra (2008, p. 74) “Virginia se apresentou aos seus contemporâneos com o mesmo appeal que nós hoje vemos nas mais graciosas e comentadas top models”.

Virginia não apenas produzia fotos, ela aproveitou a grande fama daquele ato tão recente para construir um imaginário, um mundo onde ela poderia ser o que desejasse (figura 1). Marra aponta que Oldoini teve um grande repertório de interpretações que variavam desde figuras reais e importantes como Lucrecia Borgia a personagens fictícios como Beatriz de Dante. E não apenas isso, a condessa também fazia representações de Nossa Senhora a cisnes brancos. Eram fotos que criavam uma cena, uma dramatização extravagante parecida com as que encontramos entre as páginas das atuais revistas de moda.



Figura 1 (Fonte: <https://byronsmuse.wordpress.com/tag/virginia-oldoini/>)

Apesar de Virginia Oldoini ser considerada precursora da fotografia de moda, ela era o prólogo da história. O barão Adolf de Mayer (figura 2) é visto então como o primeiro protagonista da fotografia de moda. Em uma época onde havia uma grande separação entre foto e arte, de Mayer consegue, em suas fotografias, criar uma união entre ambas. Ele, além de tudo, também consegue fazer com que a fotografia em si se entrelace harmoniosamente com a moda.

Por volta de 1923, quando a guerra 1º Guerra Mundial já havia passado, De Mayer e sua esposa Olga começaram a trabalhar para a revista Vogue que, até então, era consideravelmente pequena e utilizava de desenhos para ilustrar suas páginas e capa. Segundo Marra (2008, p.90) “O barão levou para a Vogue, portanto, não somente sua capacidade técnica de fotógrafo, mas sua própria pessoa [...]”. Era como se ele tivesse trazido uma inovação a uma revista de moda em uma época onde tudo ainda era muito recente.

O barão trouxe para a fotografia de moda um estilo que envolvia a arte em toda a produção, focando mais no *flo*³ – ou seja, fotografias imprecisas, não havia muita importância quanto a clareza e detalhes. Era como se De Mayer fosse um pintor impressionista em suas fotografias, diferente do que se via nas fotografias de arte. Enquanto com Oldoini nós víamos fotos sem preocupação estética, apenas a própria imagem da condessa com um pouco mais de “ousadia” (se pensarmos em como eram as fotos naquela época), com de Mayer a gente consegue enxergar uma importância com a estética. Inclusive Claudio Marra (2008, p. 93) evidenciou que “[...] o que interessava De Mayer não era tanto a imagem, mas o imaginário”.

A influência que De Mayer exerceu para ser considerado como o primeiro fotógrafo de moda foi grande. Para ele, a moda é algo à parte da realidade, uma dimensão quase etérea. Principalmente por causa de toda a ligação próxima a arte que ele costumava fazer em suas fotografias.

“[...] o que interessava De Mayer não era tanto a imagem, mas o imaginário, assim como era útil à moda que a fotografia não documentasse objetivamente uma roupa, mas criasse um sonho desejável e que se pudesse compartilhar.” (Claudio Marra, 2008, p. 93)

³ Consiste em um pequeno desfocar da imagem, causada pela difusão de luz. (MELLO, 1998, P.38).



Figura 2. Adolf de Meyer (Fonte: <https://www.wikiart.org/en/adolph-de-meyer>)

A imagem de moda e as revistas de moda

Antes mesmo que a fotografia existisse no mundo, a moda já trabalhava com a imagem em revistas ilustradas por desenhos detalhados e feitos por mãos profissionais. Tais revistas contavam com desenhos de moças em poses simples, apresentando roupas elegantes e bonitas para a alta sociedade, alterando com assuntos pertinentes para as mulheres e poesias. Datada do ano de 1772, a revista *The Lady's Magazine* (figura 3) é um grande exemplo, se chamando de “Companheiro divertido para o sexo justo, apropriado apenas para seu uso e diversão”. Olga Bon acredita que (2018, p.153) “Deste modo, as revistas ilustradas são aqui apresentadas como uma importante mediação nas maneiras de se portar, nos “novos hábitos civilizados” e, mais precisamente, no consumo de moda”. Ainda mais cedo do que *The Lady's Magazine*,

houve a criação da que talvez possa ser a primeira revista de moda do mundo. Ladies Mercury (figura 4) estreou em 1693, sendo publicada por apenas quatro semanas. Trazia poucas ilustrações, além de textos com assuntos de interesse das damas da alta sociedade daquele século.



Figura 3. The Lady's Magazine (Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ladys_Magazine_1770.jpg)



Figura 4. Capa The Ladies Mercury (Fonte: <https://dstrausblog.wordpress.com/tag/ladies-mercury/>)

Até a criação da fotografia em 1835, pouco se mudou quanto às imagens veiculadas nas revistas. De ilustrações em preto e branco às imagens coloridas, os desenhos nas revistas de moda cresceram junto com a mentalidade da sociedade ao passar dos séculos. Na visão de Bon (2018, p.154), “Mudavam-se as ruas e as mentalidades, destacando a relevância das revistas ilustradas na mudança das práticas de consumo”, sendo assim, não fazia sentido as imagens continuarem estagnadas no mesmo conceito. Com a presença delas em combinação aos textos veiculados, era mostrado a ideia do que e onde comprar as roupas. Para Bon as ilustrações estavam (2018, p.154), “ajudando a desenvolver de forma significativa um mercado de moda que crescia e se estabelecia [...]”. Assim seguiu até que a fotografia fosse criada, substituindo o artifício do desenho nas revistas.

Quando tecnologias de impressão foram criadas e assim as fotografias passaram a serem “coladas” junto a algumas palavras ou textos, o conceito de fotografia de moda que até então engatinhava começa a se tornar um elemento importante. Mas, assim

como a fotografia no geral, a área da moda enfrentava os problemas que existiam entre a arte e a foto. Mesmo no início do século XX, muitas revistas (como a *Le Mode Pratique*, por exemplo) ainda utilizavam desenhos para ilustrar não apenas as imagens de dentro como também a capa. Marra inclusive aponta que (2008, p.79) “as revistas de moda acabam, evidentemente, por manifestar aquela desconfiança parcial que a cultura daquele tempo ainda nutria em relação à capacidade da fotografia de substituir plenamente a imagem manual”.

No início do século XX, alguns ateliês fotográficos produziam cartões postais e álbuns para artistas e senhoras ricas, que também podem ser consideradas uma das primeiras modelos profissionais. No entanto, apesar de serem fotografias com a mesma dramatização que era encontrada nas produzidas pela condessa, eram, para Marra (2008) as fotografias de moda dessa época deveriam ser definidas como fotografias de gente na moda. Não havia uma preocupação de criar uma foto com um conceito e uma história por trás de uma roupa como protagonista, como vemos atualmente.

Relações entre as revistas ilustradas e a fotografia no Brasil

Mesmo que a fotografia já existisse há algum tempo no século XX, havia revistas ilustradas em circulação no Brasil. Ainda era comum mesmo que precisassem dividir espaço com as imagens feitas através de câmeras. Um novo padrão estético estava sendo desenhado nas folhas das revistas, criando às mulheres um tipo de ideal que precisava ser seguido. Tratava-se de uma forma apresentada como correto pelos médicos da época e como as revistas eram uma das maiores formas de divulgação da sociedade, essas foram usadas para abarcar a nova visão de corpo feminino.

As representações femininas do início do século XX revelam-se comunicadoras/precursoras dos padrões corporais estabelecidos pelo discurso médico da época, abarcando em seus desenhos desde mulheres dentro do padrão até as que estavam fora desses limites estéticos. (BERGER, 1999 apud VILLATORE, 2015)

Era importante que imagens estivessem sendo veiculadas em revistas. Elas ajudavam com as formas de consumo da época e atraíam aos mais diversos olhares. As cores fortes e chamativas dos desenhos bonitos e detalhados, quase imaginários ou etéreos, chamavam a atenção das pessoas. Texto e imagem se tornou a melhor combinação das revistas, mesmo ainda no século XIX. No olhar de Knauss (p. 7, 2011), “ao combinar texto escrito e imagens, a imprensa ilustrada estabeleceu elos entre a cultura letrada e a cultura visual no Brasil da segunda metade do século XIX”. E não apenas imagens ditas como de moda para o deleite das moças da alta sociedade. As revistas ilustradas ajudavam a criar no imaginário das pessoas um Rio de Janeiro evoluído e bonito como era visto nas cidades parisienses, por exemplo. Eram tempos de mudanças no Brasil. No início do século XX, o Brasil passava por grandes transformações em todas as esferas, pois recém república, o país crescia em passos lentos e tentava, ao seu modo, se igualar as cidades européias. As revistas ilustradas se tornam mediadoras dessas mudanças e ainda conseguiam mostrar essa nova versão - tão boa e melhor - do Brasil até mesmo a classe baixa.

Mundanas, coloquiais e incrivelmente ilustradas, essas mídias conseguiam captar o ritmo acelerado vivido pela sociedade moderna, ao passo que seus códigos poderiam ser facilmente interpretados e traduzidos tanto pelas camadas dominantes quanto pelas classes mais baixas e pouco instruídas. (OLIVEIRA, VELLOSO, LINS, 2010, p. 12 apud VILLATORE, 2015, p. 19)

Com a cromolitografia (método da litografia através da qual os desenhos são impressos em cores), agora essas ilustrações podiam ser impressas de forma idêntica e com cores, preservando toda a sua mensagem para o público das revistas. Era como uma revolução entre as revistas ilustradas.

Revista A Estação

Já próximo ao final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, a revista quinzenal A Estação se caracteriza por abordar assuntos de interesse das mulheres da elite brasileira, tais como moda, comportamento, etiqueta, costumes, literatura e vida rotineira, com assuntos do dia a dia que pudessem ser de interesse feminino. Exercendo grande influência acerca dos padrões de beleza vigentes da sociedade na época, A Estação era recheada de ilustrações detalhadas sobre roupas e modelos.

Como muitas revistas do período, além de moda também contava com contos e poemas, além de ensinamentos sobre comportamento adequado, tal como é muito visto em revistas atuais. Por ser impresso na Alemanha, como era de costume no período, muitas tendências e ideias presentes nas páginas da revista refletiam os padrões europeus.

A seção de abertura dessa primeira parte do jornal era intitulada “Chronica da Moda”, que, além de registrar a vida elegante da elite carioca, reproduzia ao público feminino brasileiro o padrão europeu de vestuário, expondo as principais tendências da moda parisiense mesmo com o descompasso climático entre Brasil e a França, que a fazia apresentar roupas pesadas em pleno verão e roupas frescas no inverno. (Bruno Brasil, 2015)

Como objeto de estudo para entendermos o impacto das revistas ilustradas no Brasil, selecionei como objeto de estudo a revista carioca A Estação. As edições estudadas neste artigo serão 12 e 24 dos anos de 1879, 89, 90, 99 e a edição 02 do último ano da revista, 1904. A escolha das seguintes edições deu-se de forma aleatória. Não houve motivo específico e intrínseco a decisão de utilizar os nove números como objeto de análise para o presente artigo.

De modo geral, a revista inicia sempre com um cabeçalho ilustrado em referência a estética grego classista. Duas mulheres deitadas de frente com roupas greco-romanas e detalhes que remetem a época, como o “cenário” presente, assim como as máscaras do teatro no canto inferior. Também pode-se analisar que o fato de uma delas estar segurando um livro enquanto a outra está com uma caneta pena demonstra que aquela era uma revista para mulheres cultas da classe média-alta. Essas as quais estavam

sempre informadas - nos limites que era permitido a uma mulher da época - e que haviam sido ensinadas quando jovens a ler e escrever o básico. Uma mulher pobre não seria inteligente o suficiente para ler e ser representada em uma revista por motivos totalmente opostos. É notável como A Estação utiliza de artifícios ilustrativos ao invés da fotografia propriamente dita desde o início de suas edições. Da edição 12 de 1879 a edição 02 de 1904 pouco mudou nesses elementos iniciais, com exceção de alguns detalhes muito importantes.

Quando o Brasil ainda se tratava de Império governado pelo regente D. Pedro II, acima do nome A Estação encontrava-se escrito apenas “Edição para o Brasil”, o que durou do final do ano 1884 até a edição 03 de 1890. Quatro meses após a proclamação da república, em fevereiro de 1890, o cabeçalho passou a se chamar “Edição para os Estados Unidos do Brasil” até o fim da sua publicação.

Quanto ao conteúdo da revista, em texto pouco mudou. Ainda eram os mesmos textos voltados a moda, explicando as tendências apresentadas naquela presente edição. Mas, sobre o que essa análise realmente se trata, há algumas mudanças entre as ilustrações de cada duas edições de cada ano de publicação.

Em 1879, edição 12 e 24, as ilustrações eram divididas em: imagens das peças de roupa separadamente - como, por exemplo, um modelo de saia, um modelo de casaco de frio ou de manga -, um “editorial” com um grupo de “modelos” que poderia conter quantidades diferentes de pessoas abordadas, bordados e pontos de crochê ou tricô. Isso tudo com uma riqueza de detalhes, o suficiente para que as leitoras pudessem entender do que se tratava. E ao lado da descrição completa de cada peça. Isso é algo presente em praticamente todas as edições dos anos seguintes.

Análise visual de “A estação”



(Figura 5)

Na edição 12 do ano de 1879, dentre inúmeras imagens de peças de roupas e motivos de bordados e tricô, temos uma ilustração de folha dupla. Essas seções que levam duas páginas é presente em algumas edições da revista. Se trata de uma parte onde está o que hoje em dia conhecemos como sendo um editorial de moda. Podemos ver aproximadamente nove damas, uma criança e um homem. É interessante perceber que a existência de um senhor está em segundo plano, afinal, não é uma revista voltada para o público alvo ao qual ele pertence. Não há motivo para que ele esteja tão visível. Até mesmo a única criança que “posa” para a ilustração é uma garota.

Apesar de estarem utilizando vestidos diferentes, possivelmente em cores distintas (o que não é visível por se tratar de uma ilustração em preto e branco), cada “modelo” está parada em posições diversas uma da outra. É possível ver que existem damas de costas, de lado, de frente. É clara a tentativa de tentar mostrar ao leitor como

os vestidos são em um todo. Não dá uma sensação de ser uma imagem plana e sim se tratar de uma roupa com todos os lados como se fosse ao vivo.

Como fora dito anteriormente, essa diversidade de posições e modelos (possivelmente cores também), se tratava de uma maneira de aumentar o consumo daquela revista. Uma mulher letrada que abrisse aquela revista se depararia com essas ilustrações de duas páginas com opções chamativas para o seu guarda roupa. As modelos em várias posições é como se dissessem “você vai ficar assim” e isso prende a atenção do leitor.



(Figura 6)

A Estação é uma revista com uma estrutura muito interessante. Apesar de existirem em praticamente todas as edições, “editoriais” de página dupla dividem espaço com ilustrações de uma página também. Essas são imagens mais simples do que essas citadas anteriormente. Não carregam uma produção grande, normalmente apresentando

apenas duas modelos por vez. Em alguns casos, apenas uma.

Na figura 6 vemos um claro exemplo disso na edição 24 do ano de 1879. As duas moças com, de acordo com a legenda, trajes para bailes e saraus posam de forma que o leitor veja a parte da frente e das costas dos vestidos. Apesar de estarem em cores diferentes, é entendível que se tratam de modelos parecidos. Sendo assim, o leitor tem a oportunidade de vislumbrar como essas roupas são em duas posições diferentes. Essa técnica muito utilizada nas edições da revista A Estação já não é mais tão presente nas revistas contemporâneas que costumam usar poses diferentes com roupas diferentes.

A forma como ambas as mulheres estão sugere que elas estão presentes em um dos eventos citados pela legenda. Elas estão descontraídas e confortáveis. A impressão é que a ilustração diz as suas leitoras que elas ficaram assim com a nova tendência. Atualmente, maquiagens e penteados visam muito mais para o conceitual do que para a inspiração. Nas ilustrações, apesar de não haver o uso de pintura facial, é possível ver que cada dama está com um penteado diferente. Existe toda uma composição presente na imagem, faz com que a pessoa que lê a revista não pense em apenas ter um vestido igual. Faz com que deseje estar idêntica a “modelo”. Se antes o conceito não fosse prezado nesse nicho, com essas ilustrações havia uma essência frágil que ainda engatinhava para o que costumamos ver hoje em dia.



(Figura 7)

Durante os dez anos seguintes ao início da revista, A Estação apresentou algumas mudanças claramente visíveis entre as suas ilustrações. Não me refiro a qualidade das imagens, mas sim ao que as envolvem como um todo. E dentre essas diferenças, temos o fator da encenação. A encenação na fotografia já era algo comum para aquela época, de certa forma. Foi praticamente a partir deste período que existiam as fotografias post mortem. Sendo assim, era compreensível que esse hábito passasse a ser visto também nas ilustrações.

Como visto nas figuras 5 e 6, as modelos pareciam estar verdadeiramente distraídas quanto ao ilustrador à espreita. Era algo mais natural, se aproximava das situações normais do dia a dia. No entanto, na edição 24 do ano de 1889, por exemplo, começamos a ver que as modelos agora estão posando, perdendo aos poucos o ar de “naturalidade” que tais ilustrações costumavam ter.

A quantidade de ilustrações também aumentou em dez anos desde a criação do periódico. Segundo Assunção e Italiano (2018, p. 246), “As edições anteriores continham poucas figuras relacionadas ao assunto de moda abordado; essa possui figuras que

auxiliam o leitor a visualizar os modelos comentados e descritos”.



Figura 8

A revista A Estação durou aproximadamente vinte e seis anos no mercado. Como qualquer coisa ao passar dos anos, houveram evoluções constantes principalmente em toda a sua identidade visual. As ilustrações que antes traziam a naturalidade já citada aqui, foram ficando cada vez mais encenadas. Conforme a figura 8 mostra, no último ano da revista (em 1904), as ilustrações visavam principalmente o consumo. Os vestidos eram mostrados em poucas posições e apenas isso.

As modelos estão em um cenário simples que mais se assemelha a um salão. Duas estão totalmente viradas para a frente, uma de costas e a quarta delas, em uma posição que mostra um pouco da lateral daquela roupa. Assim, as leitoras poderiam

ainda ter uma visão daquele vestido como um todo, mas já não existia mais a preocupação com uma ambientação completa das ilustrações. Uma hipótese para os motivos dá-se por problemas financeiros que apareceram no Brasil desde o início da república. Crestani (2008, p. 333) argumenta que “Com a desestabilização econômica ocorrida nos primeiros anos da República em função do que se convencionou chamar de “Encilhamento”, a revista A Estação seria obrigada a alterar os preços das assinaturas a partir do ano de 1891”.

Considerações finais

Desde meados do século XIX, até os dias atuais, no século XXI, um longo percurso foi traçado quanto ao invento da foto impressa e todas as suas preparações que, para atualmente, seriam demoradas e antiquadas. A fotografia não aprendeu a andar como uma criança sozinha, haviam pessoas que muitas vezes sequer se conheciam contribuindo para mais essa evolução na tecnologia humana. Nomes importantes como Louis Jacques Mandé Daguerre ou Virginia Oldoini aparecem envolvidos. Ter em mente um marco tão importante da sociedade como o uso de imagens reais em materiais escritos, foi muito necessário mesmo que esse não fosse o ponto principal da pesquisa.

Mas, como explanado no artigo, a fotografia não existiu ao mesmo passo que jornais e, no caso retratado, revistas já existiam há muito mais tempo. É entendido que as ilustrações feitas à mão são as principais estrelas do comércio informativo não só no século XIX como em todos os anteriores desde a sua criação. As revistas eram o entretenimento dos mais ricos, logo era útil para suas leitoras que imagens fossem utilizadas, afinal, como poderiam julgar como esteticamente bonito algo que não haviam visto? O ser humano em si necessita de exemplos visuais das coisas que consome.

Levar em consideração a época e a mentalidade das pessoas no período onde

eram comuns o uso de ilustrações em revistas, é importante para entender o impacto que tais desenhos causaram. As ilustrações nas revistas refletem isso, a mulher rica e padronizada de um século conservador. O conteúdo das revistas espelham uma mentalidade que apenas facilitou o impulso da comoção das ilustrações e toda a transição entre desenhos e a fotografia. Os assuntos eram sempre os mesmos: moda, comportamento, artesanato (normalmente bordado, crochê e tricô) e alguma novela ingênua e interessante. Todo esse conjunto era o auge da modernidade no século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BON, Olga. **Vestindo a modernidade: revistas ilustradas, moda e consumo no Rio de Janeiro**. Revista Mediação, v. 20, n. 27, 2018.

BRASIL, Bruno. **A Estação - Jornal Ilustrado para a família**. BNDigital, 2015.

Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-estacao-jornal-illustrado-para-a-familia/>>. Acesso em: 04 de setembro de 2020.

KNAUSS, Paulo; OLIVEIRA, Cláudia de. **Revistas ILUSTRADAS: Modos de Ler e Ver No Segundo Reinado**. Mauad, 2011.

MARRA, Claudio; AMBROSIO, Renato. **Nas sombras de um sonho: História e linguagens da fotografia de moda**. Senac, 2008.

PINTO SOARES, Miguel Augusto. **Representações da morte: Fotografia e memória**. Porto Alegre: PUCRS, Pós graduação em História, 2007.

REIS FILHO, Osmar Gonçalves dos; MORAIS, Isabelle Freire de. **A encenação na fotografia—montando cenas e contando histórias.** Galáxia (São Paulo), n. 40, p. 85-100, 2019.

SANTOS, Amanda Basilio. **FOTOGRAFIAS POST-MORTEM: VARIAÇÕES DE ESTILOS DE FOTOGRAFIAS VITORIANAS.** Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPel, n. 7.

VILLATORE, Flávia Roberta. **Representações de moda femininas nas revistas ilustradas brasileiras do início do século XX.** Curitiba: UTFPR, 2015.